

Brasil tem 45 dias, alerta Baker

MOISÉS RABINOVICI
Nosso Correspondente

WASHINGTON — Um prazo para que as negociações entre o Brasil e seus credores sejam concluídas foi fixado pelo secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James A. Baker III, e se ele não for cumprido, persistindo o impasse atual, a dívida brasileira será reclassificada e depreciada, afastando-se qualquer possibilidade de novos empréstimos enquanto os bancos terão de aumentar de novo suas reservas, registrando outros grandes prejuízos.

O prazo: 26 de outubro.

O secretário James Baker, que provocou uma mudança nos planos do ministro Bresser Pereira, em apenas uma reunião, nesta semana, advertiu que “é importante que o Brasil resolva seus problemas com os credores antes que alguma ação seja tomada” por uma comissão interministerial que se reunirá, dia 26 de outubro, pela terceira vez, para reexaminar a classificação do Brasil, que hoje é **substandard**, por causa da moratória de sete meses, e que passaria para **value impaired**, ou valor depreciado, antes de ser considerado inadimplente, o **status** mais baixo.

“Depois que os ovos são mexidos é impossível separá-los” — explicou o secretário James Baker ao jornal **Los Angeles Times** numa entrevista publicada ontem.

As negociações devem ser abert-

tas um mês antes do prazo marcado para a reunião do grupo interministerial, formado por representantes do Tesouro e do FED, o Banco Central americano, no dia 25 deste mês, em Nova York. O plano que estava sendo elaborado, dividindo a dívida em duas, e transformando uma das metades em títulos a longo prazo, com o deságio do mercado secundário, foi considerado, **non starter**, ou algo que nunca daria certo, sem futuro algum, pelo secretário James Baker, e o ministro Bresser Pereira, depois de “recuar um pouquinho”, tem agora que partir para um caminho mais convencional, tendo os **exit bonds**, ou títulos de saída, voluntários, como “um prêmio de consolidação”, como disse o **Wall Street Journal**.

Mas o ministro Bresser Pereira teria saído enfraquecido da apresentação de seu novo plano em Viena, e da sua rápida retirada em Washington, e muitas fontes bancárias revelavam-se pessimistas quanto a um rápido restabelecimento. Um rumor que circulava ontem em alguns bancos internacionais, em Nova York, era o de que o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, estava “ofendido” e “descontente” com a maneira como o plano foi revelado no Brasil e enterrado nos Estados Unidos.

“O sr. Milliet estava encarregado do estudo, e o plano abortou antes do tempo. Foi atropelado pelo fiasco.

Até onde sabemos, o sr. Milliet se encontra muito aborrecido” — informava-se num banco estrangeiro com representantes bem informados no Brasil.

Mas mesmo que o ministro Bresser Pereira tenha escapado sem se ferir do encontro, que o fez recuar, com o secretário Baker e que não haja divisões entre os membros de sua equipe, um banqueiro credor do Brasil, consultado ontem em Nova York, disse que acha muito difícil alcançar o prazo final para a abertura de negociações com as negociações em andamento.

“A fonte do problema continua sendo a mesma, e é política. O Brasil assina um acordo com o FMI? Reg lamenta a conversão? Desiste do impossível **spread zero**? Acharnos que não. E estamos nos preparando para o pior.”

A reclassificação e o rebaixamento do Brasil obrigará os bancos a uma redução do valor dos créditos, ou **write down**. Teriam que absorver agora entre 10 e 20% da dívida. No ano que vem, talvez mais 25%. E assim, sucessivamente, até zerar, até chegar ao **write off**. Mas o Brasil não conseguiria mais nenhum empréstimo, nem mesmo das instituições multilaterais. E suas linhas de curto prazo, comerciais e interbancárias, também secariam, isolando-o do resto do mercado financeiro.

Faltam 45 dias.